

O POTENCIAL ARQUEOLÓGICO DA REGIÃO DO RIO MARACÁ/IGARAPÉ DO LAGO (AP)

Vera Guapindaia¹
Ana Lúcia da Costa Machado²

RESUMO - Este artigo apresenta os resultados preliminares de pesquisa arqueológica realizada na região do rio Maracá/Igarapé do Lago, no Município de Mazagão (AP). Embora a região fosse conhecida desde o século passado pela presença de urnas tubulares antropomorfas e antropozoomofas, somente nos anos de 1995-96 é que iniciou-se a prospeção arqueológica na área.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia, Pré-história da Amazônia, Cerâmica Maracá.

ABSTRACT - This article presents preliminary results about an archeological research conducted at the Maracá River Region/Igarapé do Lago, at Mazagão Municipality (AP). Even though the region is known since the last century by the presence of tubular anthropomorphic and zoomorphic urns, only in 1995-96 archeologic prospection has begun in this area.

KEY WORDS: Archeology, Amazon Pre-history, Maracá Ceramics.

¹ PR-MCT/CNPq. Museu Paraense Emílio Goeldi - Departamento de Ciências Humanas. Pesquisadora de Arqueologia. Caixa Postal 399. Cep 66040-170. Belém-Pa.

² PR-MCT/CNPq. Museu Paraense Emílio Goeldi - Departamento de Ciências Humanas. Técnica de Arqueologia.

INTRODUÇÃO

A região do Igarapé do Lago, afluente do rio Maracá, localizada na metade meridional do Estado do Amapá tem mostrado sua importância para a pesquisa arqueológica desde o século XIX. Ferreira Penna em 1872 encontrou, em cavernas, urnas cerâmicas de formas tubulares antropomorfas, zoomorfas e simples (Ferreira Penna 1877). Outras explorações intermitentes, no período de 1872 a 1953, foram realizadas na área do Igarapé do Lago e seu entorno (Guedes 1897; Farabee 1921; Nimuendaju 1927), também localizando grutas contendo urnas.

Assim, o conhecimento arqueológico da região do Igarapé do Lago até a década de noventa do século XX foi marcado pela presença de sítios-cemitérios. A definição de uma fase arqueológica para a área, a fase Maracá, ocorreu baseada nos sítios-cemitérios encontrados no século passado e nas características de suas urnas, uma vez que, não existia informações sobre os locais de habitação dos grupos que enteravam os mortos em grutas e sobre seus objetos de uso cotidiano. No entanto, havia poucos registros consistentes sobre os padrões de enteramento e das características dos sítios-cemitérios. Conhecia-se somente o fato de usarem cavernas naturais e de fabricarem urnas antropomorfas, e zoomorfas.

Nos anos de 1995 e 1996, uma equipe de arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, realizou duas etapas de campo na área do Igarapé do Lago, onde foram encontrados e registrados sete novos sítios, sendo seis sítios-cemitérios e um sítio-habitação.

O artigo apresenta a caracterização geográfica da área, o histórico das pesquisas realizadas desde o século XIX e os resultados preliminares sobre as novas descobertas na região, descrevendo os sítios e o procedimento utilizado em campo.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS

A área geográfica pesquisada está situada entre as coordenadas de de 0° a 1° de latitude sul e 51° a 52° de longitude oeste. Corresponde a área arqueológica AP-MZ (Mazagão), no sudeste do Estado do Amapá, entre a foz do rio Amazonas e uma linha que começa da ponta de terra fronteiria à ilha de Santana e segue, pelo divisor de águas, separando-as bacias dos rios Anauerapucu/Matapi, Anauerapucu/Amapari e cabeceiras do Maracá/Amapari. A área continua fazendo uma inflexão no rumo geral sul para prosseguir pelo divisor de águas das bacias dos rios Iratapuru/Maracá e Jari/Cajari, até alcançar novamente o rio Amazonas em frente ao povoado de Vila Nova (PA) nas proximidades da foz do Jari. Pertencem a esta área as ilhas do rio Amazonas de propriedade do Estado do Amapá (Simões & Araujo Costa 1978). Nos limites da área arqueológica estabelecida, selecionou-se o Igarapé do Lago, também conhecido como igarapé do Pereira, afluente pela margem direita do rio Maracá (Figura 1).

O rio Maracá localizado na metade meridional do Estado do Amapá, é um pequeno afluente da margem esquerda do Amazonas, cuja foz situa-se a 60km ao sul da linha do Equador e tem uma extensão de aproximadamente 300km. Seu curso inferior é formado de áreas baixas sujeitas ao regime de enchentes e vazantes e das marés do rio Amazonas, possui as águas limpas e de cor preta.

Um dos principais afluentes do rio Maracá é o Igarapé do Lago, cujas margens, na época chuvosa, dilatam alagando os campos da região, formando um lago, daí a origem do seu nome. O Igarapé do Lago fica em terreno mais alto que o rio Maracá e suas águas são limpas, apresentando uma coloração escura devido à presença de matéria orgânica. Durante a época de fortes chuvas, o nível da água cresce ao ponto de se poder percorrê-lo de lancha, deixando quase submerso um imenso campo de arrozal “bravo” (*Oriza sp.*) e várias outras espécies

de plantas típicas de áreas alagadiças. As extensas planícies inundáveis, periódicas ou permanentes, foram formadas por aluviões holocênicos, fluviais e lacustres com furos, paranás, igarapés e lagos. As fortes chuvas de dezembro a maio, ampliam suas margens inundando os campos baixos, que permanecem cheios até julho. Com a diminuição das chuvas seu leito se retrai, sem no entanto, secar. As áreas livres de inundações situam-se ao norte e ao sul do Igarapé do Lago, compostas de ravinas e vales encaixados. A oeste são comuns as superfícies pediplanas onde tem lugar afloramentos rochosos sedimentares. A formação geológica proporcionou o surgimento de lapas, grutas e abrigos-sob-rocha (Projeto... 1974).

A vegetação da área é classificada como floresta densa, considerada como sinônimo de floresta ombrófila tropical (conhecida também como pluvisilva, tropical chuvosa, etc.). A floresta densa dos climas quentes-úmidos e superúmidos, com acentuada diminuição das chuvas em determinadas épocas do ano, é caracterizado sobretudo por suas grandes árvores freqüentemente com 50 metros de altura, que sobressaem do estrato arbóreo uniforme, entre 25 e 35 metros de altura. Esta classe de floresta, de acordo com a sua distribuição espacial, diversifica-se em variações fisionômicas refletidas pela posição topográfica que ocupa muitas vezes caracterizando-se por espécies autóctones dominantes (Ibid.).

No caso da vegetação do Igarapé do Lago, é classificada como Floresta Ombrófila Pluvial, que é o grupo de formação de áreas quaternárias aluviais, influenciadas ou não pelas cheias dos rios. É uma vegetação muito rica e variada. Na região alagada em torno do Igarapé do Lago, predomina a presença do arroz bravo (*Oriza sp.*), buriti (*Mauritia flexuosa*) e outras pequenas vegetações aquáticas como a aninga (*Machaerium lunatum*). Nos terrenos mais altos existe a abundância da castanheira (*Bertholletia excelsa*), cuja extração é a base da economia local. Ocorre também a presença de Itauba (*Mezilaurus*

itauba), Acapu (*Vouacapoua americana*), Sapucaia (*Lecythes psionis*), Louro (*Laurus mobilis*) e Pau-mulato (*Callycophyllum spruceanum*). A nível de plantio, a população atual, além da mandioca (*Manihot utilissima*) cultiva bananas (*Musa paradisiaca*), laranjas (*Citrus sinensis*) e limões (*Citrus limon*).

A fauna terrestre e aquática é abundante e variada, constituindo-se numa importante fonte de recurso alimentar para a população local. Entre os mamíferos é comum a presença de veados (*Mazama americana*), caititus (*Tayassu tajacu*), pacas (*Cunilus paca*), coatis (*Nasua nasua*), cutia (*Dasyprocta III*), antas (*Tapirus terrestris*), onças (*Panthera onça*) e macacos (*Cebus erxleben*, *Saimiri sciurens*, *Midas ursulus*). Uma grande variedade de répteis também é encontrada na região. A presença de pássaros é numerosa, sendo comum avistar, garças (*Leucophyx thula*), gaviões (*Ruporis magnirostris*), tucanos (*Ramphatos itellinus*), araras vermelhas (*Ara macao*), bandos numerosos de periquitos (*Tiririca chiriri*) e outros.

PESQUISAS ANTERIORES

Os sítios arqueológicos da região do Maracá são conhecidos desde 1872, quando foram localizados e explorados por Domingos Soares Ferreira Penna (Ferreira Penna 1877). O primeiro contato estabelecido por ele com o material proveniente dessa região, foi através da doação de uma urna antropomorfa de Maracá ao Museu Paraense, feita pelo Sr. Silva Castro em 1871. Com o objetivo de “*examinar os seus próprios jazigos, conjecturando (...) que bem podia ser êstes fôsem outros tantos Dolmens como os dos tempos pré-históricos da Europa*” (Ferreira Penna 1973:23), ele foi por duas vezes a região do rio Maracá no ano de 1872. Localizou três sítios e descreveu-os dizendo que “*acham-se todos nos terrenos montuosos, banhados pelas águas de um braço do pequeno rio Maracá na Guiana Brasileira. Não*

contém senão urnas, - umas de formas tubulares representando corpos humanos, e outras em forma de jabutis, tartarugas terrestres. Bem que seu material, como a mão de obra seja grosseiro; as urnas oferecem grande interesse tanto por suas formas, como pelo fato de conterem ossos humanos, e às vezes esqueletos completos” (Ferreira Penna 1973:148).

Hartt em 1872, publicou uma nota na revista “*The American Naturalist*” sobre uma das urnas antropomorfas mostrada a ele por Ferreira Penna na ocasião de uma das suas vindas a Amazônia.

Em 1877, Ferreira Penna retornou ao rio Maracá para novas explorações, de onde trouxe mais urnas (Cunha 1989). Duas delas, contendo crânios, foram enviadas ao Museu Nacional para serem analisadas por João Batista Lacerda. Em sua análise reconheceu que não eram muito seguros os elementos para determinar a idade dos indivíduos. Porém, o fato do material apresentar-se frágil, leve e poroso, com o tecido compacto folheado, podia fazer supor uma “*grande antiqüidade*”. Contudo, ressaltou que o ambiente onde foi encontrado, a ação dos agentes físicos e a pressão das raízes podiam ter apressado o processo de decomposição do tecido ósseo, dando a aparência de maior antigüidade do que realmente tinham. Sem dúvida tinham mais de um século de existência. Os crânios pertenciam a indivíduos do sexo masculino de um mesmo tipo étnico. Comparando-os com o tipo craniológico dos índios botocudos, verificou que as diferenças das medidas craniométricas entre os dois tipos, permitia que fossem classificados como grupos distintos (Lacerda 1881).

Aureliano Lima Guedes – auxiliar do diretor do Museu Paraense, o cientista Emílio Goeldi – realizou um levantamento mais geral da área em 1896. A região investigada foi o Igarapé do Lago e de seus pequenos afluentes, onde localizou três sítios arqueológicos que, pela presença de urnas denominou-os de “*necrotérios de indígenas*”. Em

uma das urnas encontradas por Guedes havia uma pulseira de contas de vidro brancas e azuis. Esta associação evidencia o contato com os primeiros exploradores europeus (século XVI/XVII) e sugere que o material cerâmico de Maracá seja contemporâneo a colonização (Guedes 1897).

Os sítios-cemitérios encontrados por Guedes, foram registrados mais tarde por Simões (1972) como AP-MZ-1: Ilha do Cunha³, AP-MZ-2: Ilha de Fortaleza e AP-MZ-3: Ilha da Terra Preta. Além desses sítios explorou outro na Ilha do Pará situada no rio Amazonas em frente a foz do rio Maracá, onde encontrou “*um fragmento de perna de uma igaçaba tubular como as do Maracá, todos os outros eram igaçabas em fôrmas de jaboty, diferentes entretanto das do mesmo formato encontradas no rio Maracá, de modo que á primeira vista se podia distinguir estas d’aquellas*” (Guedes 1897:54).

As urnas coletadas por Lima Guedes integram o acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi e perfazem um total de cinquenta e um objetos, sendo onze urnas antropomorfas, duas urnas simples, cinco urnas zoomorfas, vinte e duas tampas de urnas e onze fragmentos de urnas antropomorfas.

Quase vinte anos depois, no início do ano de 1915, o etnólogo alemão, Curt Nimuendaju, realizou uma viagem do rio Jari ao rio Maracá/Igarapé do Lago. Neste percurso registrou cinco sítios e fez uma coleção de duzentos e quarenta e oito fragmentos de cerâmica. Os sítios foram localizados na terra firme em área de “terra preta”, possuindo vestígios de material cerâmico e lítico. Considerou a possibilidade dos locais não terem sido abandonados há muito tempo,

³ Os sítios foram cadastrados segundo procedimento de identificação utilizados na Área de Arqueologia do MPEG que compreende uma sigla composta pela abreviação da sub-unidade nacional, da sub-unidade local, por número que corresponde à sua ordem de descoberta ou de seu registro e, por fim, o nome do sítio (Simões & Araújo Costa 1978:10).

uma vez que, a mata ainda estava se recompondo. Descreveu os fragmentos de cerâmica tendo decoração riscada e em relevo e alguns parecem ser antropomorfos (Nimuendaju 1927 apud Meggers & Evans 1957).

No ano seguinte, 1916, William Farabee, da Universidade da Filadélfia, realizou pesquisas no Igarapé do Lago, na Ilha dos Porcos e na Ilha do Pará. No Igarapé do Lago encontrou vestígios cerâmicos semelhantes aos registrados por Ferreira Penna e Lima Guedes, “*burial jars in shape of seated men sitting together under the rock*” (Farabee 1916 apud Meggers & Evans 1957:76). As urnas antropomorfos lhe pareceram muito pequenas para conterem ossos e supôs que eram usadas como recipiente de cinzas. Acreditava que os enterramentos não eram muito antigos, em virtude da presença de contas de vidro nas mesmas. Na região em torno do Igarapé do Lago, encontrou fragmentos de cerâmica, em locais que provavelmente eram sítios-habitação.

Até então, as informações existentes sobre esta região provinham de coleções feitas na segunda metade do século XIX, por geólogos, botânicos e naturalistas; e na primeira metade do século XX, por jornalistas e antropólogos. Betty Meggers e Clifford Evans, do Smithsonian Institute, estudaram estas coleções, especialmente as que estavam nos Museus americanos e perceberam a necessidade de realizar um “*scientific fieldwork as a basis for interpretation of the archaeological remains at the mouth of the Amazon*” (Meggers & Evans 1957:2). Assim, em 1948, desenvolvendo um projeto arqueológico na região da foz do rio Amazonas, pesquisaram as ilhas do Marajó, Mexiana, Caviana e o então Território Federal do Amapá.

Os pesquisadores não estiveram nas áreas do rio Maracá/Igarapé do Lago. Os sítios encontrados, mais próximos desta área, foram os

localizados nos rios Vila Nova ou Anauerapucu e Piçaca, que localizam-se na área arqueológica AP-MZ, a mesma do Igarapé do Lago.

O material arqueológico encontrado por eles nessa região foi classificado como fase Mazagão. Foi considerado diferente do encontrado em Maracá, embora em suas descrições revelem que encontraram fragmentos de cerâmica semelhantes aos da área do rio Maracá, como no sítio A-3:Piçaca Cemetery, na qual encontraram “*One of the most unusual pottery fragments was a large hollow foot (Mazagão Plain) with five toes probably representing a turtle ... It is undoubtedly from a zoomorphic jaboty urn of the type found by Lima Guedes and Farabee on Ilha do Pará*” (Ibid. 1957:50-57). Neste mesmo sítio encontraram uma urna antropomorfa, associada a urnas globulares, que segundo sua descrição “*was similar in general shape to the truncated-cone type used in the Rio Maracá area*” (Ibid.). No sítio A-4: Valentim, também encontrou uma urna antropomorfa associada a duas urnas globulares, diz que a urna antropomorfa “*represents a pronounced divergence from the Maracá style, although the generalized features show close affiliation.*” (Ibid.:60).

Na análise geral da fase, considerou-se que “*some contact or borrowing without amalgamation or assimilation of either culture occurred between the Mazagão Phase and the tradition occupying the Rio Maracá, as is evidenced by the copies of anthropomorphic urns in the cemeteries of Mazagão Phase.*” (Ibid.:103).

Da região do rio Maracá/Igarapé do Lago, Meggers e Evans estudaram o material coletado por Guedes, pertencente ao Museu Goeldi; e o de Farabee do Museu da Filadélfia. Sua análise da cerâmica de Maracá, mostrou que o antiplástico é variado, sendo composto de areia, cinza preta e cariapé. A cor da cerâmica vai do castanho ao marrom alaranjado e maioria das urnas apresenta queima incompleta. Sua confecção é grosseira, as paredes são espessas e irregulares e a

superfície áspera, podendo apresentar pintura nas cores preto amarelo ou vermelho. Com os resultados da análise, a cerâmica de Maracá foi considerada diferente da pertencente a fase Mazagão, predominante no sul do Amapá. Assim, consideraram a cerâmica Maracá, como intrusiva na fase Mazagão (Meggers & Evans 1957).

Por volta de 1953, o etnógrafo Peter Hilbert esteve no rio Maracá, onde encontrou sítios com pintura rupestre. As informações obtidas nessa viagem não foram publicadas (Hilbert & Barreto 1988).

Simões, em 1972, classificou a coleção da região salvaguardada no Museu Goeldi como fase Maracá. Considerou-a uma fase flutuante, uma vez que não se enquadrava nas características das tradições ceramistas estabelecidas para a Amazônia.

Na década de oitenta, a região foi objeto de um projeto de pesquisa coordenado pelo arqueólogo Klaus Hilbert que visava detectar sítios pré-cerâmicos. No local conhecido como Buracão do Laranjal, em um abrigo-sob-rocha, realizou-se corte estratigráfico, onde encontrou-se artefatos líticos e restos de fogueira. A datação do carvão foi de 3750 ± 110 A.P. (Beta 30746). As paredes do abrigo apresentam pinturas na cor vermelha; são grafismos não-reconhecíveis. Além deste sítio pré-cerâmico, foram localizados e registrados oito sítios com vestígios cerâmicos ao longo do rio Maracá, onde realizou-se coletas de superfície (Hilbert & Barreto 1988; Barreto 1992).

O conhecimento da arqueologia do rio Maracá/Igarapé do Lago, portanto, resumiu-se basicamente aos sítios cemitérios e algumas informações sobre o período pré-cerâmico. As investigações nos sítios-cemitérios concentraram-se na coleta e descrição dos locais onde foram encontradas as urnas. Não há informação disponível sobre outros tipos de assentamentos.

PESQUISA ATUAL

As informações arqueológicas sobre Maracá são provenientes de coleções selecionadas e descontextualizadas e, embora seja conhecido seu potencial desde o século passado, não se realizou ainda pesquisa sistemática que permitirá obter dados para o estabelecimento da seqüência de ocupação e dos padrões de assentamentos pré-históricos. Frente a esta situação é que em 1992 iniciou-se levantamento arqueológico a fim de subsidiar um futuro projeto de pesquisas para a região.

A primeira parte do levantamento foi realizado no Museu Paraense Emílio Goeldi onde se encontram salvaguardadas, desde o século passado, coleções provenientes do Amapá. A coleção das urnas de Maracá pertencente ao Museu Goeldi possui 56 peças, sendo 51 coletadas por Lima Guedes no século passado e 5 peças de coletor ignorado e ofertadas para o Museu por Carlos Estevão de Oliveira. Existem 7 urnas antropomorfas de sexo feminino e 6 do sexo masculino completas; 6 urnas antropomorfas de sexo feminino e 4 do sexo masculino incompletas; 1 urna antropomorfa incompleta sem representação de sexo; 5 urnas antropozoomorfas⁴ completas; 2 urnas sem representação humana ou animal, uma completa e a outra incompleta e 24 tampas de urnas antropomorfas com representação de rostos.

A partir da pesquisa bibliográfica, do levantamento do material no acervo do MPEG e da informação da presença de grutas contendo material cerâmico em uma ponta de terra firme conhecida como Pociño no Igarapé do Lago (Hilbert & Barreto 1988) desenvolveu-se um projeto para iniciar a prospecção na área. Assim, nos anos de 1995-96, realizaram-se duas etapas de campo na área, com o objetivo de confirmar os dados obtidos.

⁴ As urnas que possuem corpo de animal quadrúpede e rosto humano foram classificadas por Meggers & Evans (1957) como zoomorfas. Porém, considerando que a urna apresenta tanto características humanas como de animal, preferimos denominá-las de antropozoomorfas.

Durante a prospecção na localidade de Pocinho foram encontrados e cadastrados sete sítios (Figuras 2-3), sendo seis sítios-cemitérios e um sítio-habitação. Cinco dos sítios-cemitérios estão localizados na parte mais alta do terreno em afloramento rochoso de arenito proveniente da formação geológica Barreiras, possuindo em média 50 metros de altura com relação ao nível do Igarapé do Lago no mês de junho. A vegetação circundante aos sítios é de mata, apresentando algumas árvores frutíferas nativas. A distância das grutas em relação a margem esquerda do Igarapé do Lago é em média de 1500 metros⁵. Suas medidas variam de 1,10 a 2,00 metros de altura, de 1,45 a 16,00 metros de largura, de 4,70 a 16,00 metros de profundidade e de área interior de 7,00 a 106,00 metros quadrados (Figuras 4-6).

Os sítios AP-MZ-26:Lapa do Pocinho, AP-MZ-27: Gruta do Pocinho, AP-MZ-30:Gruta das Caretas, AP-MZ-31: Abrigo das Caretas e AP-MZ-32: Lapa das Caretas, formam um conjunto de grutas funerárias próximas umas as outras. Quatro delas possuem, em média, distância de 200 metros entre si. A Lapa das Caretas é a mais distante do conjunto, ficando a 1500 metros (Figura 3).

O sítio AP-MZ-28: Gruta do Periquito, também uma gruta funerária, localiza-se fora desta área, ficando do outro lado do Igarapé do Lago em sua margem direita também em afloramento de arenito. Sua distância em relação as outras grutas é de aproximadamente 5,5 quilômetros em linha reta (Figura 7).

Quanto ao aspecto geral, as grutas são úmidas, apresentam infiltrações, rachaduras e há presença de morcegos e insetos. O solo na superfície é argiloso, escuro e úmido. Na Gruta do Pocinho devido a ocorrência de grande quantidade de baratas (*Blattaria Blatidae*) o solo

⁵ As distâncias foram medidas em relação a residência do Sr. Pedro Ferreira, morador da região, cuja casa localiza-se as margens do Igarapé do Lago. (Figura 3).

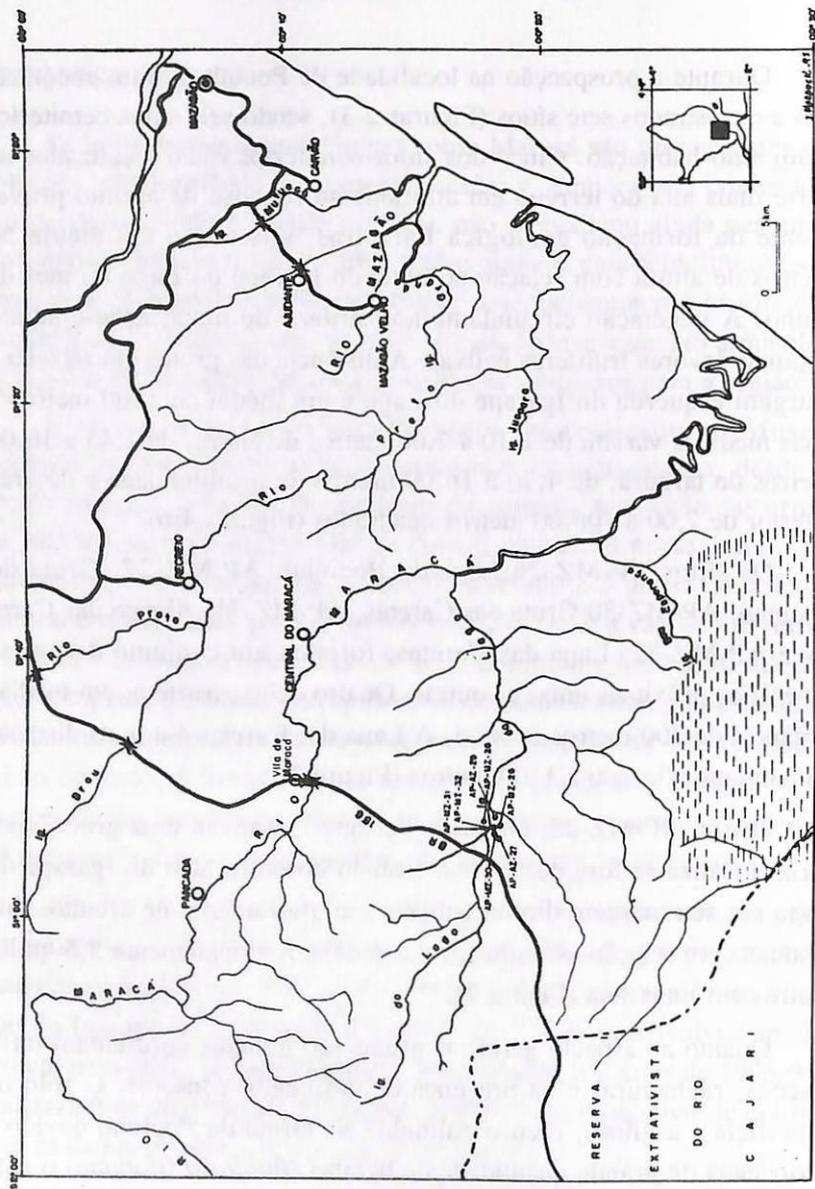


Figura 2 - Mapa da área pesquisada no sul do Estado do Amapá com a localização dos sítios arqueológicos encontrados. Desenho J. Mardock.

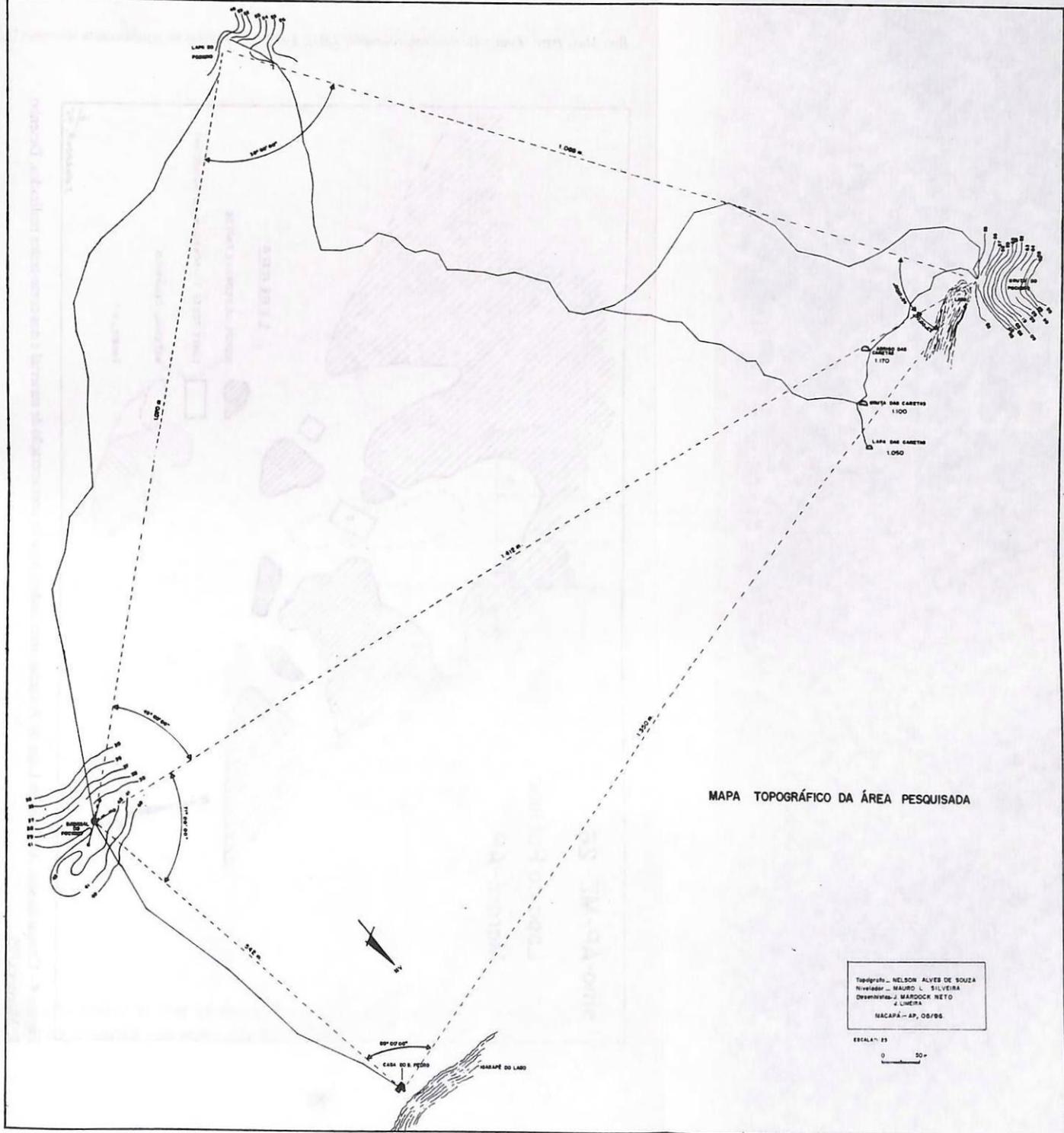


Figura 3 - Mapa topográfico da área pesquisada contendo a distribuição espacial dos sítios arqueológicos. Desenho J. Mardock.

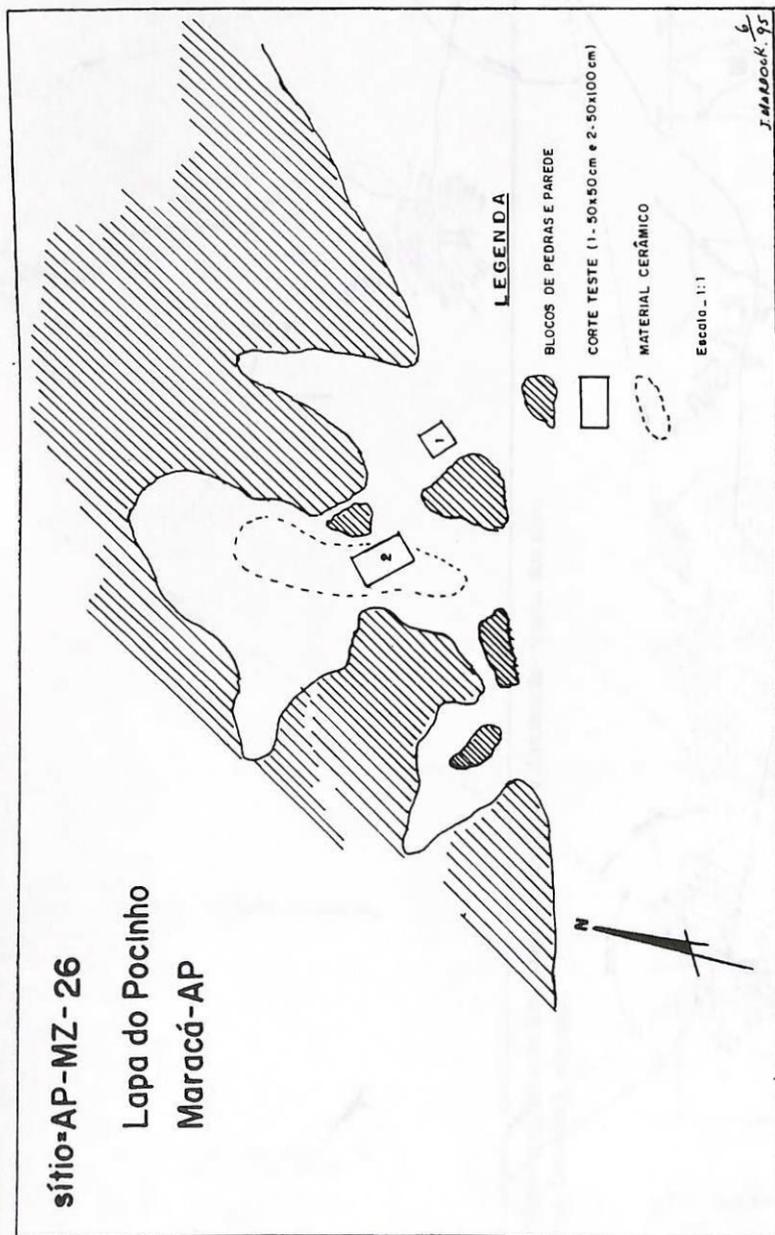


Figura 4 - Croqui do sítio AP-MZ-26: Lapa do Pocinho, indicando a área de concentração de material e dos corte-testes realizados. Desenho J. Mardock/95.

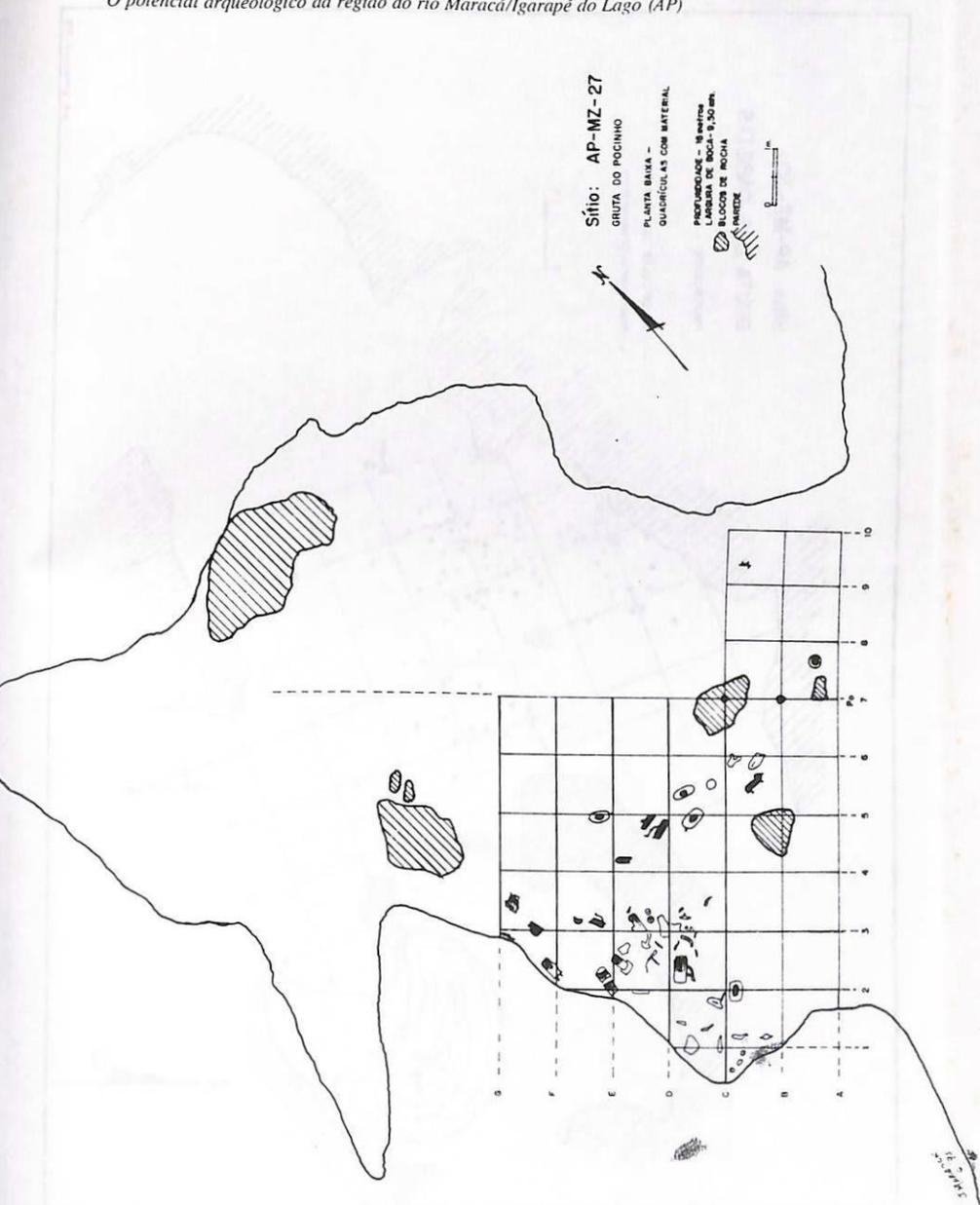


Figura 5 - Croqui do sítio AP-MZ-27:Gruta do Pocinho, indicando o quadriculamento de 1x1m e a localização das urnas. Desenho J. Mardock.

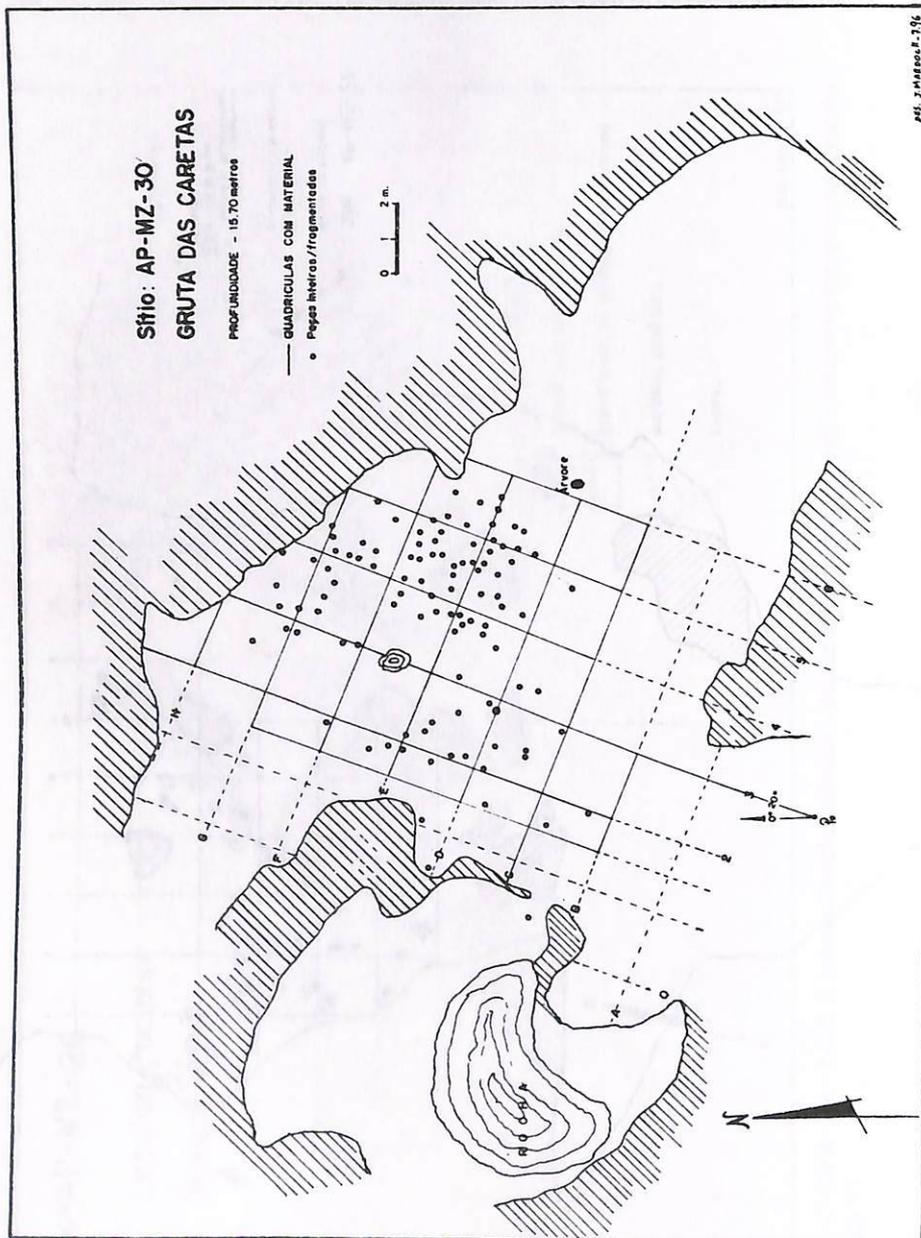


Figura 6 - Croqui do sítio AP-MZ-30:Gruta das Caretas, indicando o quadriculamento de 2x2m e a localização das urnas. Desenho J. Mardock/96.

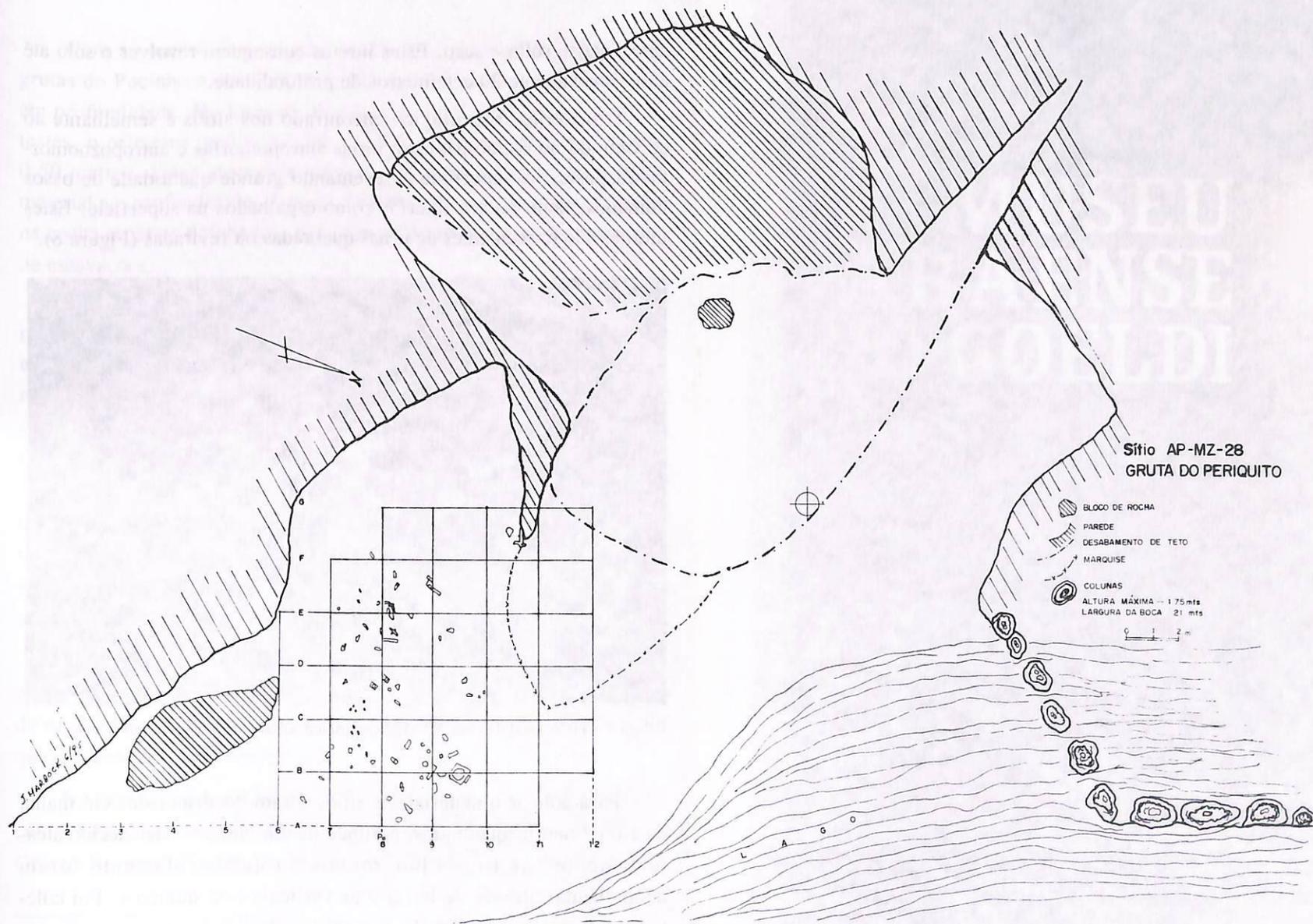


Figura 7 - Croqui do sítio AP-MZ-28:Gruta do Periquito, indicando o quadriculamento de 1x1m e a localização das urnas. Desenho J. Mardock.

apresenta-se solto e seco. Estes insetos conseguem revolver o solo até aproximadamente 20 centímetros de profundidade.

O material arqueológico encontrado nos sítios é semelhante ao encontrado no século passado: urnas antropomorfas e antropozoomorfas dispostas na superfície apresentando grande quantidade de ossos humanos, tanto no seu interior como espalhados na superfície. Estes últimos são provenientes de urnas quebradas ou reviradas (Figura 8).



Figura 8 - Visão geral do sítio AP-MZ-30: Gruta das Caretas. Foto Januári Simões.

Para coletar o material, os sítios foram quadriculados em malha de 1 ou 2 metros quadrados, partindo de um ponto 0 estabelecido aleatoriamente. As linhas horizontais do quadriculamento foram denominadas através de letras e as verticais com números. Foi coletado somente o material de superfície. Esse procedimento ocorreu devido a exiguidade do tempo disponível para a permanência em campo da equipe.

Com a continuação da pesquisa na área pretende-se escavar as grutas do Pocinho e das Caretas a fim de verificar se existe material em profundidade. Na Lapa do Pocinho foram realizados dois cortes-testes, o primeiro medindo 0,50 x 0,50 metros e o segundo 1,00 x 0,50 metros. Estes alcançaram a base da rocha e não apresentaram material em profundidade. A gruta do Periquito por apresentar fraturas na rocha e partes desabadas, não oferece segurança para a realização de escavações.

O sítio-habitação AP-MZ-29:Bananal do Pocinho é aberto, de terra preta⁶ e localiza-se a 542 metros de distância e a 41 metros de altura da margem direita do Igarapé do Lago. Sua distância em relação ao conjunto de grutas é de aproximadamente 1400 metros. Sobre parte do sítio há plantações de bananeiras (*Musa paradisiaca*), de limoeiros (*Citrus limon*), de macaxeira (*Manihot utilissima*) e de mamoeiros (*Carica papaya*). A mancha de terra preta compreende uma área com comprimento alcançado no sentido Norte-Sul de 200 metros e no sentido Leste-Oeste de 90 metros. O material arqueológico é abundante na superfície. São fragmentos de recipientes de cerâmica e artefatos líticos (machados e batedores) (Figura 9).

Para delimitar o sítio utilizou-se a colocação de piquetes e a realização de tradagens orientadas segundo os pontos cardeais. O material de superfície foi coletado ao longo das linhas e foram plotadas em croqui as áreas de maior concentração.

No sítio foi estabelecido um ponto 0 aleatório (P0) e a partir dele, com a bússola orientou-se linhas retas nas direções Norte-Sul, Leste-Oeste, Nordeste-Sudeste e Noroeste-Sudoeste. Nas linhas foram

⁶ Solos antropogênicos com horizontes A de cor escura e altos teores de fósforo e cálcio. Por possuir vestígios de ocupação antrópica, como artefatos cerâmicos e líticos, restos de carvão etc., originados pela atividade humana pré-histórica, são considerados sítios arqueológicos e denominados Terra Preta Arqueológica (TPA) (Kern & Kämpf 1989).

implantados piquetes de 10 em 10 metros acompanhando a mancha de terra preta e a ocorrência de material. Ao lado dos piquetes realizou-se tradagens, nas quais o material encontrado foi coletado (Figura 10).



Figura 9 - Material de superfície (fragmento de cerâmica e machado lítico) encontrado no sítio AP-MZ-29: Bananal do Pocinho. Foto Janduari Simões.

O material de superfície foi coletado sistematicamente ao longo das linhas e entre elas, a fim de obter a distribuição espacial dos fragmentos de cerâmica e líticos evidenciando as áreas de concentração e possivelmente áreas de diferentes atividades.

Feita a delimitação, escolheu-se uma área que não estivesse perturbada pelas plantações para realizar um corte-teste (Figura 11), cujo objetivo foi o de verificar o potencial do sítio para realizar futuras escavações. Este foi feito a 80 metros do ponto 0 e a 8 metros da linha Norte. O corte mediu 2x2 metros e alcançou a profundidade de 60 cen-

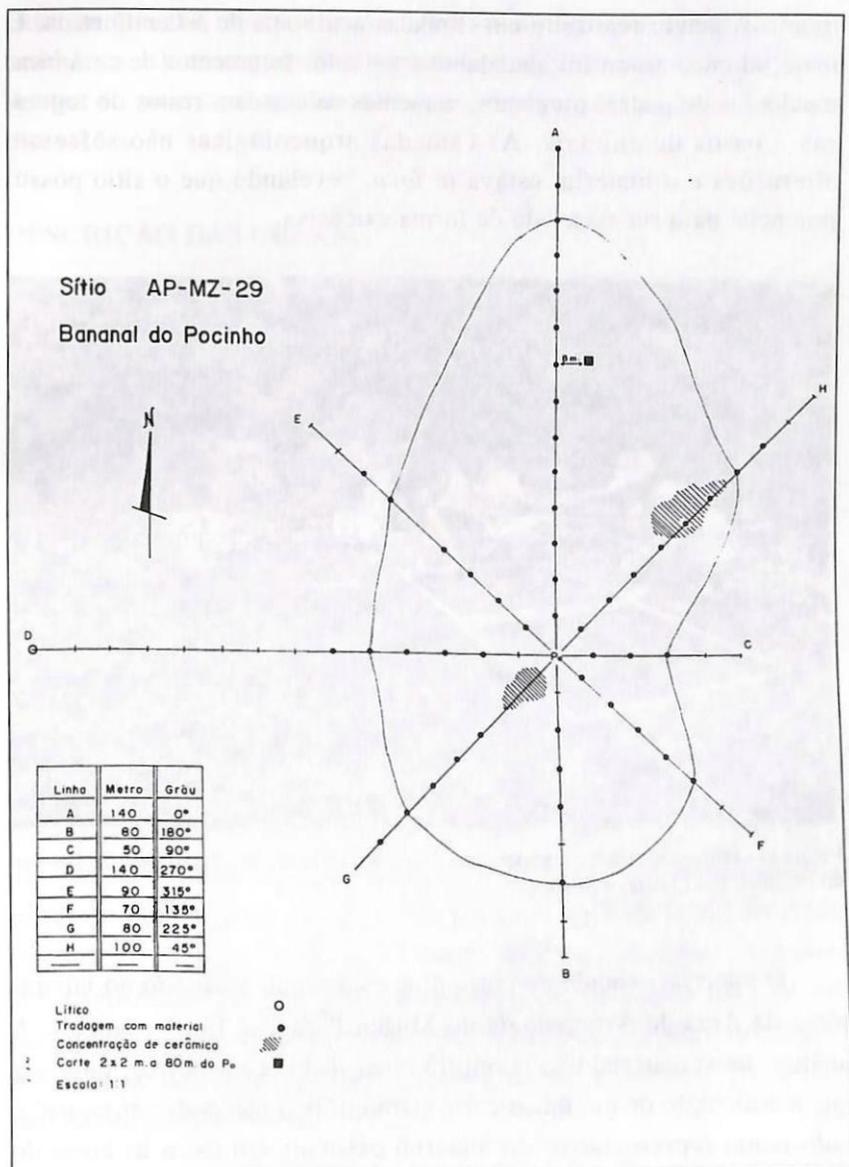


Figura 10 - Delimitação espacial do sítio aberto AP-MZ-29:Bananal do Pocinho. Desenho J. Mardock/96.

tímetros, sendo realizado em camadas artificiais de 5 centímetros. O material encontrado foi abundante e variado: fragmentos de cerâmica, machados de pedra, pingentes, sementes calcinadas, restos de fogueiras e ossos de animais. As camadas arqueológicas não sofreram alterações e o material estava *in loco*, revelando que o sítio possui potencial para ser escavado de forma extensiva.



Figura 11 - Demarcação do corte experimental de 2x2m realizado no sítio AP-MZ-29:Bananal do Pocinho. Foto Janduari Simões.

O material oriundo do corte-teste está sendo analisado no laboratório da Área de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi. A análise desse material não permitirá obter dados conclusivos, uma vez que a realização de um único corte estratigráfico não pode ser considerado como representativo do material existente em todas as áreas do sítio. Por outro lado, com essa amostra estratigráfica e o material coletado na superfície é possível obter uma caracterização preliminar do

sítio em questão, comparar com a cerâmica proveniente dos sítios-cemitérios e levantar hipóteses sobre áreas de atividades específicas dentro do sítio, que devem ser confirmadas com a realização de escavações.

DESCRIÇÃO DAS URNAS

Os sítios-cemitérios estão localizados em grutas naturais, onde as urnas, contendo enterramentos secundários, são depositadas em superfície. A classificação tipológica das urnas foi estabelecida com base no material disponível no acervo do Museu Goeldi e no material da pesquisa recente. O tipo de urna mais numeroso são as antropomorfas (Figura 12), que representam uma figura humana sentada em um banco. São compostas de três partes distintas: a cabeça, o corpo e o banco (Figura 8).

A cabeça corresponde a tampa da urna e aparece representada de três formas. A primeira tem forma cônica⁷ sendo a parte mais estreita voltada para cima. A parte superior da cabeça tem a forma de um disco, algumas vezes apresentando pequenos apliques proeminentes ou linhas incisivas (Figura 13). A segunda tem forma abobadada, com a parte superior arredondada e os lados curvos (Figura 14) e a terceira é uma pequena cabeça arredondada com a parte superior plana, possui pescoço constrito e os ombros tem a largura da boca da urna (Figura 15). A primeira forma é a mais comum e a terceira, a que possui a representação humana mais naturalista, é a mais rara de ser encontrada. Todas as formas possuem o rosto bem definido com representação de sobrancelhas, olhos, nariz e boca. O contorno do rosto é delimitado por um rolete.

⁷ As aproximadamente 100 urnas encontradas pela equipe do Goeldi em 1995-96 possuem a cabeça cônica e na coleção do MPEG representam a maioria.

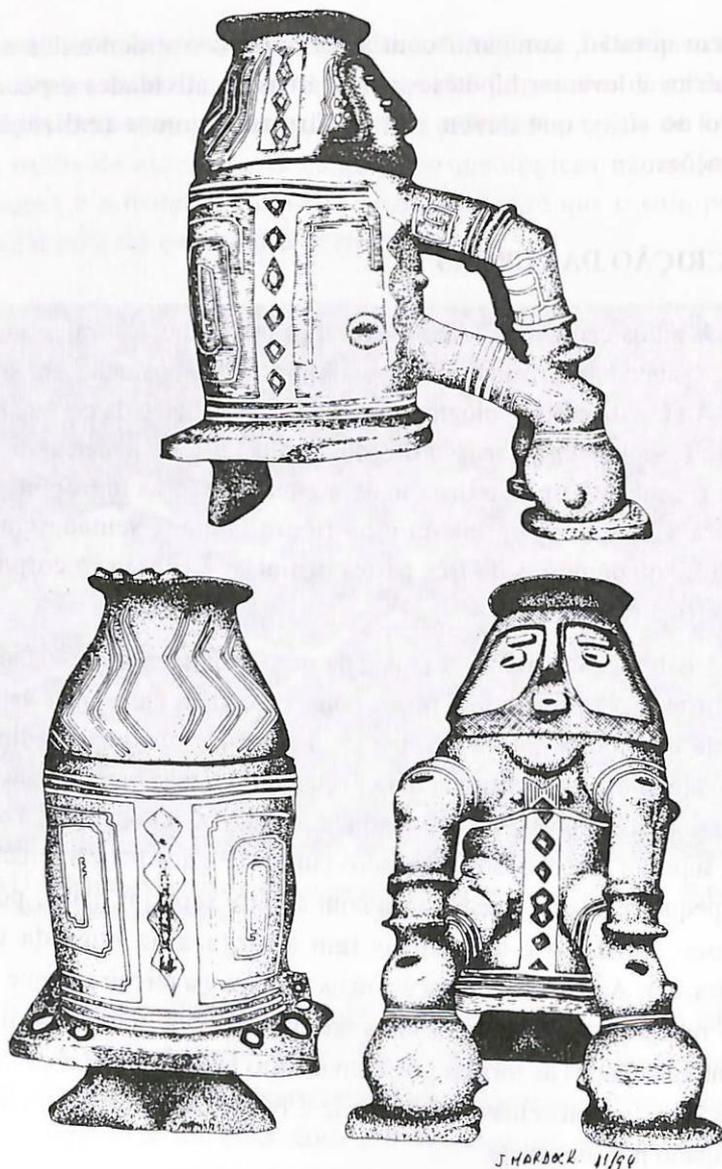


Figura 12 - Urna antropomorfa pertencente ao acervo do MPEG, coletada por Lima Guedes em 1896 (a. Vista lateral, b. Vista posterior e c. Vista frontal). (Desenhos elaborados a partir das pranchas de Emílio Goeldi por J. Mardock).

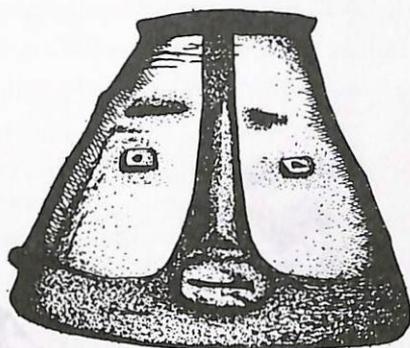


Figura 13 - Tampas de forma cônica de urnas antropomorfas pertencentes ao acervo do MPEG, coletadas por Lima Guedes em 1896. (Desenhos elaborados a partir das pranchas de Emílio Goeldi por J. Mardock).

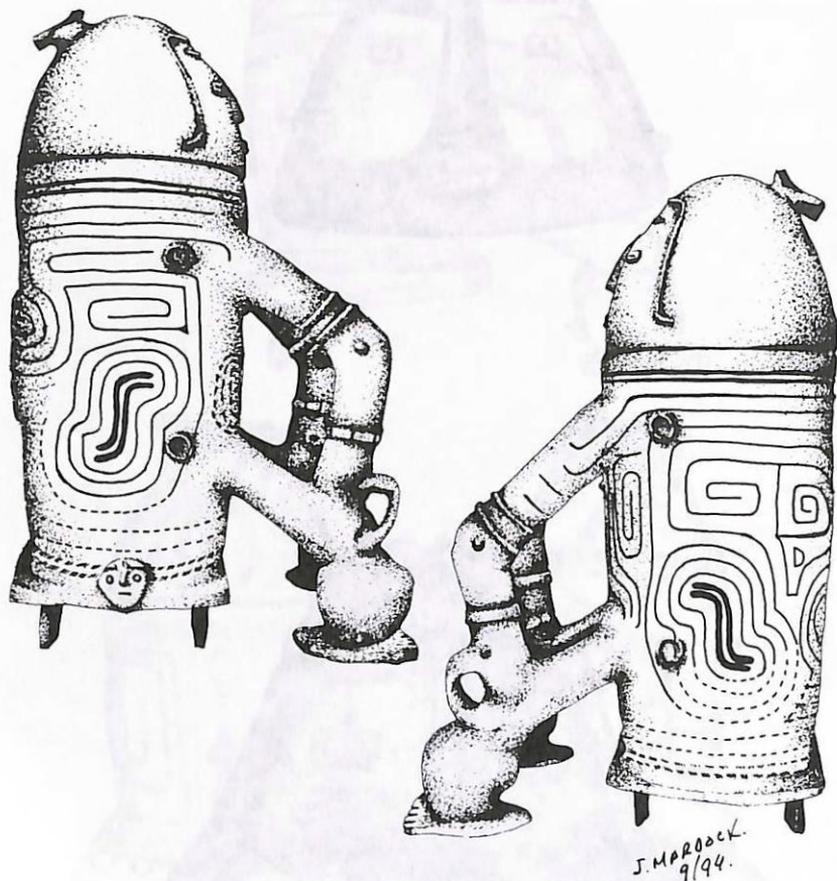


Figura 14 - Urna antropomorfa com tampa abobadada pertencente ao acervo do MPEG, coletada por Lima Guedes em 1896. (Desenhos elaborados a partir das pranchas de Emílio Goeldi por J. Mardock).

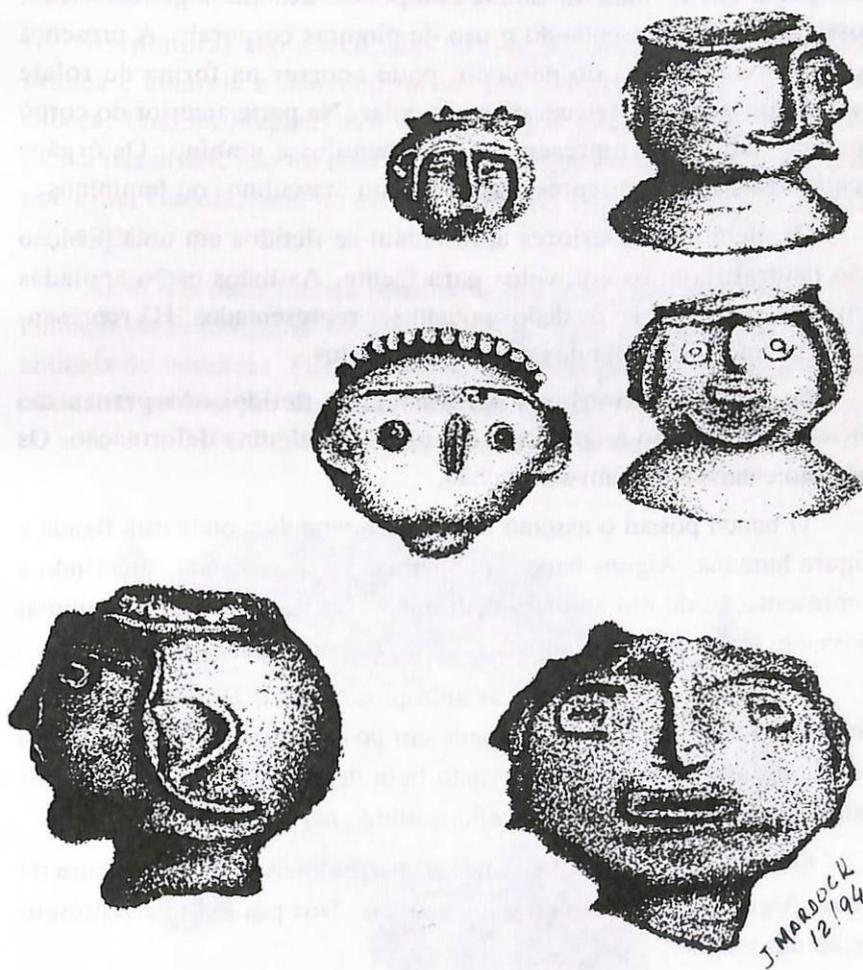


Figura 15 - Tampa e fragmentos de tampas de forma arredondada de urnas antropomorfas pertencentes ao acervo do MPEG, coletadas por Lima Guedes em 1896. (Desenhos elaborados a partir das pranchas de Emilio Goeldi por J. Mardock).

O corpo tem a forma cilíndrica e em alguns casos apresenta pintura preta em formas de faixas compondo desenhos geométricos, possivelmente representando o uso de pinturas corporais. A presença de adornos na altura do pescoço, pode ocorrer na forma de rolete modelado, indicando talvez, o uso de colar. Na parte anterior do corpo aparece indicado a representação de mamilos e umbigo. Os órgãos genitais estão sempre representados, sejam masculinos ou femininos.

Os membros superiores apresentam-se fletidos em uma posição não natural: com os cotovelos para frente. As mãos estão apoiadas uma em cada joelho e os dedos podem ser representados. Há representação de adornos acima dos pulsos e cotovelos.

Os membros inferiores apresentam-se fletidos. As pernas são grossas em relação a coxa, talvez sugerindo alguma deformação. Os pés são chatos e apoiam-se no chão.

O banco possui o assento de forma retangular, onde está fixada a figura humana. Alguns bancos possuem cabeça e a cauda, sugerindo a representação de um animal quadrúpede. Os traços faciais do animal possuem características humanas, como nas urnas antropozoomorfas.

Outra forma de urna são as antropozoomorfas (Figura 16). Estas representam um animal quadrúpede em postura ereta. A cabeça tem a forma de um disco. Possui o rosto bem definido com traços faciais humanos apresentando sobrancelhas, olhos, nariz e boca.

O corpo tem forma oval, onde na parte superior está a abertura da urna. Algumas apresentam órgãos genitais. Nos pés existe a representação das unhas.

Quanto as técnicas utilizadas para a confecção das urnas há associação de modelagem e acordelamento. O corpo, os membros superiores e os inferiores são cilíndricos e ocos, dando um aspecto tubular aos objetos. Os elementos componentes da face (olhos, sobrancelhas, boca e nariz) são executados através da modelagem, os dedos

através da incisão. Os adornos corporais são representados por roletes modelados (braçadeiras e tornozeleiras) e pinturas.

As pinturas são executadas em largas faixas, nas cores preta, branca e amarela e concentram-se, em sua maioria, no corpo e na cabeça. Embora Meggers & Evans (1957) afirmem existir pintura vermelha nas urnas, não foi observada esta coloração no material coletado por Lima Guedes, nem no material coletado recentemente pela equipe do MPEG.

Além das duas formas predominantes descritas acima ocorreram também urnas tubulares simples, isto é que não apresentam formas de animais ou humanas. Exemplos de urnas simples não foram encontrados na prospecção realizada nos anos de 1995-96. As que existem no acervo do MPEG, foram coletadas por Lima Guedes.

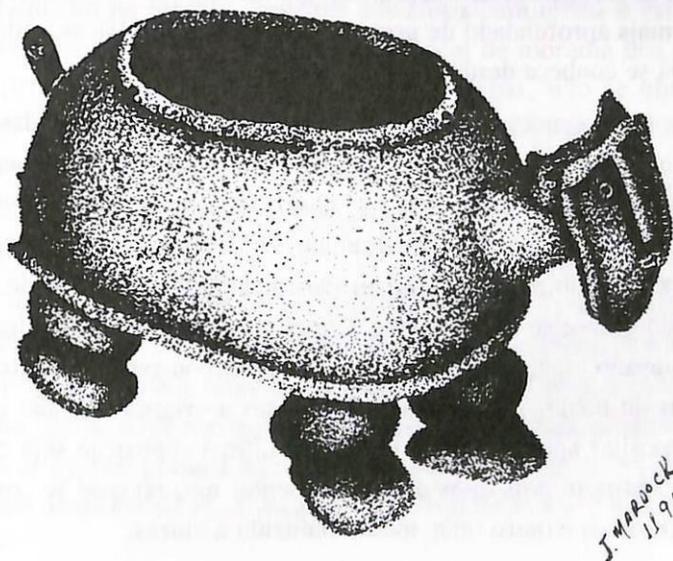


Figura 16 - Urna antropozoomorfa encontrada no sítio AP-MZ-27: Gruta do Pocinho pertencente ao acervo do MPEG, coletada em 1995. Desenho J. Mardock.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As expedições arqueológicas anteriormente realizadas na região tiveram um caráter essencialmente exploratório. A predominância deste tipo de abordagem não permitiu um efetivo conhecimento das características da ocupação pré-histórica. Embora exista uma fase arqueológica⁸ estabelecida para a região, esta necessita ser melhor investigada, uma vez que, foi baseada em poucos exemplares de urnas provenientes de coleções sem nenhum registro relativo a padrões de assentamento e à distribuição dos sítios na paisagem.

Os resultados da prospecção realizada sob a coordenação da equipe do Museu Paraense Emílio Goeldi foram de alta relevância para a pré-história da Amazônia. Encontrar sítios semelhantes aos encontrados por Lima Guedes há 100 anos atrás e ter a oportunidade de abordá-los com as técnicas atuais da arqueologia certamente contribuirá para o estudo mais aprofundado de grupos humanos pre-históricos, cuja existência já se conhece desde o século passado.

Os sítios-cemitérios encontrados tiveram as urnas coletadas sistematicamente, o que permitirá obter dados sobre a distribuição espacial do material no sítio. Será possível observar se as urnas que possuem pinturas estão em posição de destaque; se dentro delas junto com os ossos existem objetos que possam indicar alguma diferença de status dentro do grupo; se as urnas com representação de sexo feminino ocupam o mesmo espaço que as do sexo masculino ou espaços diferentes e as urnas de menor tamanho são destinadas a crianças ou são usadas para depositar apenas cinzas. Caso está última suposição seja confirmada, existiriam dois tipos de enterramento: um, no qual se conserva parte dos ossos e outro onde tudo é reduzido a cinzas.

⁸ Qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc. relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios (Chymz 1976).

A análise do material ósseo poderá identificar o sexo e a idade dos indivíduos e ainda diagnosticar patologias. Além disso é possível obter datações radiocarbônicas, informações sobre consumo alimentar e origem das populações.

Relevante é o fato de ter sido encontrado um sítio aberto, primeiro porque os sítios desta natureza encontrados no século passado foram apenas registrados, não ocorrendo coleta de material, pois o interesse na época eram os objetos inteiros para formar coleções de museus. Segundo, porque o sítio apresenta indícios de que foi local de moradia (restos de fogueiras, fragmentos de cerâmica utilitária, sementes calcinadas), e através da análise do material coletado e da realização de futuras escavações será possível obter dados sobre os grupos humanos pré-históricos que habitaram a área.

Apesar do sítio-habitação, Bananal do Pocinho, está inserido espacialmente no mesmo contexto dos sítios-cemitérios e este dado permita considerar a hipótese dele ser o local de moradia dos grupos que utilizavam as cavernas para enterramentos, não se observou *a priori* no material de superfície e no material proveniente do corte-teste semelhanças na morfologia dos objetos encontrados. Somente o resultado da análise técnica é que poderá estabelecer semelhanças ou diferenças entre eles.

Embora a proporção de um sítio-habitação para seis sítio-cemitérios, não possa ser considerada como um dado estatístico, uma vez que a prospecção realizada limitou-se a uma pequena área na localidade de Pocinho, certamente a continuação da pesquisa neste e a futura prospecção de outros, permitirá estabelecer uma seqüência de ocupação e a obtenção de dados sobre os padrões de assentamentos pré-históricos da região.

A análise das amostras do material coletado na superfície e no corte-teste do sítio, permitirá levantar hipóteses sobre a possível

existência de relação do material da região de Maracá com a fase Mazagão, estabelecida por Meggers & Evans (1957). Estes autores, admitem as similaridades entre elas, mas acham que a fase Mazagão e a tradição que ocupou o rio Maracá eram duas ocupações diferenciadas. Atribuem estas semelhanças a possibilidade de ter existido algum contato entre esses grupos. Porém, não consideraram a hipótese do mesmo grupo ter ocupado as duas áreas, o que poderia ter acontecido porque estas são contíguas. Embora, o material encontrado no sítio Bananal do Pocinho apresente *a priori* importantes semelhanças com o da Fase Mazagão, só a análise técnica poderá comprovar se o material das duas áreas pertencem a uma mesma ocupação.

As possibilidades e potencialidades arqueológicas encontradas nesta etapa preliminar da pesquisa são altamente promissoras. O material coletado no sítio aberto está sendo analisado, enquanto que as urnas ainda estão sob a guarda do Governo do Estado do Amapá, porém espera-se que brevemente sejam enviadas ao MPEG para que também sejam submetidas análise. Os resultados dessas análises fornecerão as primeiras respostas para uma série de questionamentos levantados, farão emergir outros e direcionarão as futuras pesquisas na área.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi, à Fundação de Cultura do Estado do Amapá (FUNDECAP), à equipe do Museu Histórico Joaquim Caetano da Silva e à CHAMFLORA pelo apoio financeiro e de infra-estrutura durante a realização das etapas de campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, M.V. 1992. *Relatório anual das atividades desenvolvidas no projeto Estudos arqueológicos no Amapá: tentativa de resgatar informações sobre a pré-história da região do rio Maracá-Igarapé do Lago*. Bolsa de Aperfeiçoamento/CNPq/MPEG/DCH/ARQ.
- CHYMZ, I. 1976. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cad. Arqueol.*, Paranaguá, 1(1).
- CUNHA, O.R. 1989. *Talento e atitude: estudos biográficos do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 160p. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira.
- EVANS, C. 1955. Filiações das culturas arqueológicas no Território do Amapá. CONGRESSO INTERAMERICANO, 21. Anais. São Paulo.
- FARABEE, W.C. 1921. Exploration at the mouth of Amazon. *Mus. V. Univ. Penn.*, Philadelphia, 12:142-161.
- FERREIRA PENNA, D.S. 1877. Apontamentos sobre os cerâmios do Pará. *Arch. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 2:47-67.
- FERREIRA PENNA, D.S. 1973. *Obras Completas*. v.2. Belém, Conselho Estadual de Cultura.
- GUAPINDAIA, V.L.C. 1995. *Projeto Estudos arqueológicos no Amapá: resgate da pré-história da região do rio Maracá-Igarapé do Lago*. Relatório de Viagem - 1ª etapa de campo, jun./jul.
- GUEDES, A.P.L. 1897. Relatório sobre uma missão ethnográfica e archeologica nos rios Maracá e Anauera-pucu. *Bol. Mus. Hist. Nat. Etnogr.*, Belém, 2:42-64.
- HARTT, C.F. 1885. Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas. *Arch. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 6:1-174.
- HILBERT, K. & BARRETO, M. 1988. *Relatório de viagem do projeto arqueológico de levantamento de sítios pré-cerâmicos no rio Maracá-AP*.
- KERN, D.C. & KÄMPF, N. 1989. Antigos assentamentos indígenas na formação de solos com terra preta arqueológica na região de Oriximiná, Pará. *Rev. Bras. Cienc. Solo*, 13:219-225.
- LACERDA, J.B. 1881. Crânios de Maracá, Guyana Brasileira. *Ach. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 4:35-45.
- MACHADO, A.L. & BARRETO, M.V. 1990. *Projeto Estudos arqueológicos no Amapá: tentativa de resgatar informações sobre a pré-história da região do rio Maracá-Igarapé do Lago*.

- MEGGERS, B. & EVANS, C. 1957. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bur. Am. Ethnol.*, Washington, 167.
- MENTZ RIBEIRO, P.A. 1977. *Manual de Introdução à Arqueologia*. Porto Alegre, Sulina.
- NIMUENDAJU, C. 1927. Streifzug vom Rio Jari zum Maraca. *Petermanns Mitl.*, 73:356-358.
- PROJETO RADAM BRASIL. 1974. Folha SA-22-Belém. Rio de Janeiro/DNPM (Levantamento de Recursos naturais, 5).
- SIMÕES, M.F. 1972. Índice das fases arqueológicas brasileiras 1950-71. *Publ. Avulsas Mus. Para. Emílio Goeldi*, Belém. (18):1-75.
- SIMÕES, M.F. & ARAÚJO COSTA, F. 1978. Áreas da Amazônia Legal brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. *Publ. Avulsas Mus. Para. Emílio Goeldi*, Belém (30):1-160.

Recebido em: 17.12.96

Aprovado em: 16.05.97